

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E  
LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NEUROCIÊNCIA  
COGNITIVA E COMPORTAMENTO – PPGNEC**

**Investigação das características das Memórias Autobiográficas e a utilização de pistas familiares**

WARLEY LAMARTINE CORREIA

**INVESTIGAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DAS MEMÓRIAS  
AUTOBIOGRÁFICAS E AFETO COM A UTILIZAÇÃO DE PISTAS  
FAMILIARES**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Neurociência Cognitiva Comportamento da Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Neurociência Cognitiva Pré-clínica e Clínica.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Melyssa Kellyane Cavalcanti Galdino.

**JOÃO PESSOA -PB**

**2021**

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

C824i Correia, Warley Lamartine.  
Investigação das características das memórias  
autobiográficas e a utilização de pistas familiares /  
Warley Lamartine Correia. - João Pessoa, 2021.  
53 f.

Orientação: Melyssa Kellyane Cavalcanti Galdino.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHL.

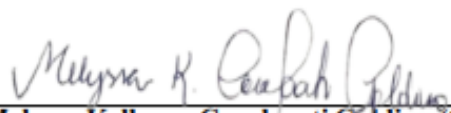
1. Memória. 2. autobiográfica. 3. emoções. I. Galdino,  
Melyssa Kellyane Cavalcanti. II. Título.

UFPB/BC CDU 159.953(043)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NEUROCIÊNCIA COGNITIVA E**  
**COMPORTAMENTO – PPGNEC**

**Warley Lamartine Correia**

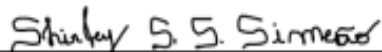
COMISSÃO EXAMINADORA:



**Melyssa Kellyane Cavalcanti Galdino (Orientadora/UFPB)**



**Flavio Freitas Barbosa (Membro Interno/UFPB)**



**Shirley de Souza Silva Simeão (Membro Externo/UFPB)**

**João Pessoa**

**Fevereiro, 2021**

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	<b>6</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>7</b>
<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>1. CAPÍTULO I- INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
1.1. Memória autobiográfica: definições e funções	12
1.2. Organização das memórias autobiográficas	12
1.3. Evocação das memórias autobiográficas: estímulos e a teoria associativa	12
1.4. Organização das memórias autobiográficas	12
<b>2. CAPÍTULO II- METODOLOGIA</b>	<b>15</b>
2.1. Critério de elegibilidade	15
2.2. Instrumentos	16
2.3. Equipamentos	17
2.4. Procedimento de coleta	17
2.5. Aspectos éticos	19
2.6. Análise dos dados	20
<b>3. CAPÍTULO III- RESULTADOS</b>	<b>20</b>
. . . . .	
<b>4. CAPÍTULO IV- DISCUSSÃO</b>	<b>24</b>
. . . . .	
<b>5. CAPÍTULO V- CONCLUSÃO</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>29</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>36</b>

## RESUMO

A memória autobiográfica (MA) engloba o conhecimento sobre si mesmo e lembranças de eventos pessoais específicos. Essas memórias pessoais são tópicos frequentemente compartilhados na interação social, e sua riqueza de detalhes facilita a intimidade e permite que o ouvinte se relacione com a história que está sendo contada. Por outro lado, a evocação de MA's é influenciada pelas emoções e pelas pistas/ estímulos utilizados no processo de recuperação. Sabe-se que MA's evocam outras MA's, em um processo associativo, porém a influência das características das pistas/ estímulos utilizados, como por exemplo, sua familiaridade ou auto referência, permanece controversa. Assim, o objetivo deste trabalho foi investigar o efeito de memórias autobiográficas específicas familiares, e de outro sujeito do mesmo sexo, no afeto e na evocação de outras memórias autobiográficas. Foram utilizadas memórias autobiográficas específicas por exposição de áudio, sendo três delas do próprio voluntário e três gravações padronizadas de sujeito com sexo equivalente ao voluntário, no total de seis memórias, sendo duas de valência positiva, duas negativas e duas neutras, e a escala de afetos positivo e negativo. A amostra foi composta por 23 voluntários saudáveis por conveniência do sexo masculino e feminino, com idade entre 18 e 30 anos, ( $M=24,69$ ,  $DP=6,33$ ). Os dados obtidos foram tabulados e analisados com auxílio do *software Statistical Package for the Social Science* (SPSS 220.0). Os resultados demonstraram que os participantes ao ouvir sua própria MA ou a de outro participante do mesmo sexo evocavam MA's específicas e de mesma valência que a MA utilizada como estímulo, ou seja, as MA's eram equivalentes aos estímulos utilizados. Não houve diferença na latência e especificidade das MAs evocadas entre valências e condições. Entretanto, observou-se que ouvir uma memória autobiográfica negativa, seja sua ou de outra pessoa do mesmo sexo, promoveu maior duração da narrativa de memórias autobiográficas negativas do que a duração do relato de memórias positivas evocadas por outras memórias positivas do próprio sujeito. Observou-se ainda a redução do afeto positivo. Os dados sugerem que a informação de autorreferência do self é um aspecto importante no processamento de informação pessoal das memórias autobiográficas, mas é possível que a especificidade e não a familiaridade do estímulo esteja relacionado ao acesso a outras memórias autobiográficas específicas. Os resultados do presente estudo fortalecem o modelo da rede associativa das memórias, os princípios de especificidade de codificação- recuperação e a relação das memórias com as emoções, ao considerar que a evocação de memórias é uma ferramenta de regulação emocional.

**Palavras- Chaves:** Memória, autobiográfica, emoções.

## ABSTRACT

Autobiographical memory (MA) encompasses knowledge about oneself and memories of specific personal events. These personal memories are topics that are often shared in social interaction, and their richness of details facilitates intimacy and allows the listener to relate to the story being told. On the other hand, the retrieval of AMs is influenced by emotions and the cues / stimuli used in the recovery process. It is known that MAs evoke other MAs, in an associative process, but the influence of the characteristics of the cues / stimuli used, such as their familiarity or self-reference, remains controversial. Thus, the objective of this work was to investigate the effect of specific familiar autobiographical memories, and of another subject of the same sex, on the affection and recall of other autobiographical memories. Specific autobiographical memories by audio exposure, were used, three of them from the volunteer himself and three standardized recordings of a subject with sex equivalent to the volunteer, in a total of six memories, two of positive valence, two negative and two neutral, and the positive and negative affect scale. The sample consisted of 23 healthy volunteers, aged between 18 and 30 years ( $M = 24.69$ ,  $SD = 6.33$ ). The data obtained were tabulated and analyzed using the Statistical Package for the Social Science software (SPSS 220.0). The results showed that hearing your own MA or that of another person of the same sex, predominantly recall other specific MAs and of the same valence as the MA used as a stimulus. There was no difference in the latency and specificity of the AMs between valences and conditions. However, it was observed that listening to a negative autobiographical memory, whether yours or that of another person of the same sex, promoted a longer duration of the narrative of negative autobiographical memories than the duration of the report of positive memories retrieval by other positive memories of the subject himself. There was also a reduction in positive affect. The data suggest that self-referential information from the self is an important aspect in the processing of personal information from autobiographical memories, but it is possible that the specificity and not the familiarity of the stimulus is related to access to other specific autobiographical memories. The results of the present study strengthen the model of the associative network of memories, the principles of specific retrieval and the relationship between memories and emotions, considering that the evocation of memories is a tool for emotional regulation.

**Keywords:** Autobiographical, memory, emotions

## Apresentação

A memória autobiográfica relaciona-se à capacidade de lembrar o passado pessoal, e pode ser classificada em memórias autobiográficas voluntárias e involuntárias. As voluntárias resultam da intenção em lembrar algo e normalmente envolvem um esforço cognitivo, enquanto as involuntárias são lembranças de um passado pessoal que simplesmente vem à mente sem qualquer intenção consciente de recuperação (Berntsen, 2010; Mace, 2007). Estudos recentes sugerem que este tipo de lembrança involuntária é frequentemente experimentado na vida diária em comparação com a recuperação voluntária (Rasmussen & Berntsen, 2011; Uzer, Lee & Brown, 2012).

Ao longo do dia, realizamos o processamento de uma grande quantidade de informações (por exemplo, ao ler um livro, assistir televisão, conversar, etc.), e este processamento de informações genéricas, ativa ou aumenta, de forma contínua, informações relevantes do conhecimento autobiográfico (Conway, 2001, 2005). Embora muito desse conhecimento autobiográfico seja susceptível a dissipar-se com a passagem do tempo, sem exercer influência na cognição ou comportamento, parte dele parece vir à tona na consciência como memórias autobiográficas involuntárias (Mace, 2010b), e podem influenciar nas emoções. Essa ativação de memórias autobiográficas relaciona-se à existência de uma rede associativa de memórias, que é influenciada pelo tipo de estímulo/*prime* utilizado para evocação.

É bem provável que algumas memórias autobiográficas atuem como pré ativadoras (*prime*) e influenciam a lembrança de outras memórias autobiográficas voluntárias ou involuntárias subsequentes e associadas, por minutos, horas ou mesmo por dias (Mace, 2010b). Afinal, conversas cotidianas entre pessoas sobre tópicos como "dias de escola", "quando estive na universidade", "feriados", frequentemente dão origem a evocação de outras experiências pessoais específicas.

Reiser, Black e Kalamarides (1986), em um estudo em que os sujeitos relataram seus pensamentos enquanto relembavam memórias, descobriram que informações relacionadas à história de vida de um indivíduo exercem forte influência no processo de evocação de memórias autobiográficas.

A evocação de memórias autobiográficas específicas relaciona-se ao senso de identidade pessoal (Hasmussen, 2014), que se solidifica com o passar do curso de vida e permite que o indivíduo preserve sua identidade. Relaciona-se ainda a saúde mental, considerando que a baixa especificidade das MA's é fator de risco para depressão. Já no âmbito do desenvolvimento, memórias de eventos marcantes proporcionam lições e *insights* à composição da história de vida e auxiliam na resolução de problemas (Thorne, McLean & Lawrence, 2004). Por outro lado, a recordação autobiográfica também demonstrou ser uma das formas mais eficazes de induzir

estados emocionais (ver, por exemplo, Brewer, Doughtie, & Lubin, 1980; Baker & Gutterfriend, 1993; Jallais & Gilet, 2010), estando relacionada a regulação emocional.

Considerando que estamos constantemente compartilhando memórias autobiográficas, sua importância no desenvolvimento de conexões sociais (Bluck et al., 2005), na construção do senso individual de *self* e sua influência nos estados emocionais (Markus & Kitayama, 2010), várias pesquisas têm sido dedicadas ao estudo da recordação de eventos pessoais específicos, marcantes, contextualizados no tempo e no espaço, bem como sua relação com outras variáveis, como o afeto (Gall & Uehara, 2018). Além disso, é bem estabelecido que a recuperação de um evento na memória ocorre por meio de pistas atuais que levam a uma busca ativa da informação em um banco de dados armazenado em longo prazo (Gauer & Gomes, 2008), o que leva ao interesse da busca por pistas/ estímulos eficazes que possam facilitar de alguma forma a evocação das memórias autobiográficas. Resultados de estudos dessa natureza são relevantes nos contextos do desenvolvimento psicológico e da psicoterapia, pois podem auxiliar na compreensão do funcionamento das MA's, bem como no desenvolvimento de treinamentos de especificidade das MAs.

Esta dissertação teve como objetivo investigar se memórias autobiográficas específicas influenciam o afeto e a evocação de outras memórias autobiográficas. Para isso, a dissertação está ordenada da seguinte forma: Na introdução, são apresentados o modelo hierárquico da memória autobiográfica, suas funções e a teoria associativa. Posteriormente, é apresentado o método do estudo. Adiante, são apresentados os resultados, discussão dos dados e considerações finais.

## **1. CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO**

### **1. 1. Memória autobiográfica: definição e funções**

O entendimento da memória remonta a antiga Grécia através de dois grandes filósofos, Platão (428–347, A.C.), na sua visão dualista em que a mente e o corpo eram separados e, especificamente, a memória era a ligação entre os dois, e Aristóteles (384–322, A.C.), que a partir de uma perspectiva mais empirista trouxe a ideia de que as memórias são compostas de associações entre vários estímulos ou experiências (Viney & King, 1998).

O primeiro estudo científico com conceitos fundamentais sobre a memória humana foi realizado por Hermann Ebbinghaus (1850–1909) em 1885, precursor da psicologia experimental,

e teve como descoberta a curva do esquecimento, que se refere a relação positiva entre o tempo e o esquecimento, ou seja, com o passar do tempo ocorre o esquecimento do que foi codificado. Ebbinghaus, através do método experimental, desconsiderou elementos subjetivos, pois as informações obtidas do conhecimento fenomenológico não eram fidedignos ou seguros para comprovação (Brewer, 1986). Já Fredrick Bartlett (1886–1969) acreditava que a memória era fragmentada e incompleta, sendo reconstruída através do conhecimento prévio, definido como esquemas, estruturas cognitivas relacionadas à compreensão do mundo a partir das experiências do indivíduo (Brewer, 1986). Para Bartlett (1932), os fatores sociais modelam a memória, e seu interesse estava concentrado no processo das qualidades de recordação, como a experiência fenomenal e a influência social. Seus estudos influenciaram a ciência cognitiva e pesquisas subsequentes sobre memórias autobiográficas (Brewer, 1986).

Na década de 1980, Schacter (1987) propôs a divisão da memória de longo prazo em memória implícita, ou seja, que não requer esforço consciente ou intencional para lembrança de experiências passadas, e memória explícita, refere-se a quando um indivíduo está no processo de lembrar de forma consciente para lembrança de experiências que aconteceram (Radvansky, 2017).

Vários modelos teóricos explicativos da memória foram propostos nas décadas de 1960 a 1990 (Neufeld & Stein, 2001). Inicialmente, o modelo espacial de Atkinson e Shiffrin (1968), propôs que a memória é dividida em três formas de armazenamento, sendo elas: a memória sensorial, definida como a que realiza retenção da informação por um determinado tempo após o estímulo, a memória de curto prazo, que armazena a informação por um período curto de tempo e com capacidade restrita, e a memória de longo prazo, que realiza grande proporção de armazenamento das informações em grande intervalo de tempo, como dias, meses e anos (Atkinson & Shiffrin, 1968).

Posteriormente, Endel Tulving (1972) propôs a dissociação da memória de longo prazo em dois sistemas independentes, embora relacionados: memória episódica e memória semântica (Tulving, 1972). A memória semântica armazena informações de conhecimento geral sobre fatos, símbolos, regras, imagens, entre outros, e se estende para além do conhecimento geral. É exemplificada por situações de funcionamento de uma sociedade, como ir ao supermercado, e o saber além do conhecimento lexical, como o significado das palavras ou ainda as atribuições sensoriais, como cores de objetos. Já a memória episódica refere-se ao armazenamento de acontecimentos pessoais ocorridos num lugar e num tempo particulares. Em 1985, Tulving incluiu uma forma adicional de memória designada de memória procedimental, que envolve a aquisição de conhecimento que não está disponível através de uma averiguação consciente, incluindo a

capacidade para aprender hábitos, competências, *priming* e algumas formas de condicionamento clássico (Carneiro, 2008).

A memória autobiográfica (MA) foi proposta como originária da evolução da memória para acontecimentos, ou seja, um tipo de memória episódica que faz parte da história pessoal do indivíduo (Cowan, 1990), definição não aceita por todos os autores. Por exemplo, Tulving (1983) propôs que a MA não é equivalente ao sistema de memória episódica, embora a recuperação episódica seja um dos seus componentes. Conway (2005) refere-se a MA como a habilidade de recordar conscientemente experiências individuais vividas no passado. Todavia, se a MA for definida como a lembrança de eventos relevantes na história do indivíduo, o mais provável é que ela seja um processo de interação entre a memória episódica e semântica (Dall’Ora, Della Sala & Spinnler, 1989 ;Gauer, 2005), que diferencia-se dos outros tipos de memórias pelas estruturas neuroanatômicas, diferentes áreas de ativação (Svoboda et al., 2006), bem como por suas funções. Estudos em neuroimagem demonstram que a evocação do passado pessoal abrange áreas laterais dos hemisférios cerebrais (Maguire, 2001). Os estudos de Miller e Cohen (2001) e Petrides (2005) demonstram que a recuperação de uma MA é intermediada pelo córtex prefrontal (CPF) e o córtex parietal dorsal (CPD), que se correlaciona com o córtex prefrontal medial para a construção temporal e espacial e a orientação autorreferencial da MA. Já a vivacidade, revivência e detalhes específicos das MAs estão relacionados às áreas do hipocampo, amígdala cerebral, córtex visual, córtex pré-frontal esquerdo, precuneus e córtex retrosplenial (Cabeza, 2008; Svoboda et al., 2006; LaBar & Cabeza, 2008. Diana, Yonelinas & Ranganath, 2007).

A MA também diferencia-se de outros tipos de memórias por desempenhar várias funções, e por seu papel fundamental para o desenvolvimento do senso individual do *self* (Conway & Jobson, 2012), o planejamento futuro de ações em consequência da resolução de problemas passados e na mediação das relações sociais. Harris, Rasmussen e Berntsen (2014) definem quatro funções importantes da MA: a função reflexiva, pelo papel desempenhado na compreensão ou definição de metas e direções para a vida de uma pessoa, a função ruminativa, que refere-se ao ato de recordar perdas e ameaças percebidas, como pensar em pessoas que já faleceram ou relacionamentos que foram perdidos, a função de generatividade, que se relaciona a uma impressão ou legado deixado pelo indivíduo a partir das experiências anteriores, e serve para ensinar outras pessoas a desenvolver um senso de realização, e a quarta função da MA, a social, que leva o indivíduo a focar no outro, e age nas relações interpessoais e conversações, por exemplo, lembrar de acontecimentos de sua vida para compartilhá-los em um diálogo com alguém que você está

Começando a namorar e quer conhecer, ou falar em um grupo de amigos. A função social permite que os indivíduos tenham orientação de vida e participem de ambientes sociais, a medida em que a pessoa lembra de sua história com outros indivíduos, produzindo conhecimento nas relações presentes e na elaboração de interações futuras (Pillemer & Kuwabara, 2011), permite ainda o alcance de consenso ou compreensão compartilhada de eventos passados que poderão ampliar a coesão social (Hirst, Cuc & Wohl, 2012). A função social da MA foi importante para o desenvolvimento do sistema de automemória proposto por Conway (2004). O sistema de automemória é a representação do self usado para codificar, organizar e recuperar as MA's (Conway, Singer & Tagini, 2004). Tal sistema ao recuperar um conhecimento autobiográfico, se relaciona com o Working Self, que é definido como um conjunto de objetivos que tem como função moldar a cognição e o comportamento de maneira funcional a cultura em que o indivíduo está inserido (Conway, 2004). O Working Self dentro do processo da recuperação de uma MA exerce um papel similar ao executado pela memória de trabalho no processo da memória de longo prazo. O Working Self sistematiza informações como o que acontece, o que aconteceu e o que pode acontecer, buscando uma estrutura vinculada às informações externas sobre a realidade. Uma alteração nessa base está relacionada com mudanças de percepção sobre o self, estado depressivo e afeto negativo (Crane, Barnhofer & Williams, 2008).

A recuperação da MA envolve a construção de representações mentais de episódios pessoais passados e a associação de uma série de detalhes relacionados ao evento recuperado. pessoais passados, e a associação de uma série de detalhes relacionados ao evento recuperado. Este processo de construção ocorre de forma flexível para que os detalhes do evento possam ser associados de diferentes maneiras durante a recuperação. As diferenças em como essa associação ocorre embasa a existência de uma organização das memórias autobiográficas (Brown et al., 2010).

## **1.2. Organização das memórias autobiográficas**

O funcionamento da memória autobiográfica organiza-se em três níveis hierárquicos (Conway, 1996). No nível mais baixo, encontram-se as informações relativas a eventos específicos, contextualizados no tempo e no espaço. O nível intermediário consiste nas memórias gerais de eventos que se repetiram a ponto de serem lembrados como hábitos ou costumes, e por fim, no nível mais alto da hierarquia, os períodos extensos de vida agrupam e contextualizam tanto memórias gerais que ocorreram, quanto eventos específicos que ocorreram nos respectivos períodos, e incluem critérios de organização temática e contextual, como por exemplo, a época de um determinado relacionamento afetivo, a cidade onde viveu, ou a escola que estudou. Os três níveis de organização da memória autobiográfica: eventos específicos, memórias gerais e períodos de vida – interagem na organização da MA a partir de informações de diversos sistemas de memória que possibilitam a clarificação do contexto dos eventos, conseqüentemente na atribuição de significados as MA's relacionadas (Gauer & Gomes, 2006). A facilidade e a vivacidade da recordação de tais eventos específicos correspondem ao conceito de disponibilidade de memórias (Johnson et al., 1988).

## **1.3. Evocação das Memórias Autobiográficas: Estímulos e a teoria associativa**

O processo de recordação é construído a partir de um processamento organizado pelas vivências de cada indivíduo. A recuperação de uma MA, desencadeia uma sucessão de ativações propagadas de associações de memórias, conhecidas como nós ou por um conjunto dos mesmos (Howe et al., 2009). A teoria de ativação associativa ressalta que a memória atende a um sistema de ativação automática por semelhanças e proximidades, sendo este processo uma reorganização das experiências pessoais ao recordar ou recuperar uma MA (Schacter, 2012). Wheeler e Gabbert (2017) descrevem que ativação da rede é feita pelo que eles denominam de “Nós” e que suas conexões ativam e formam a rede associativa. Neste mesmo artigo, os autores ressaltam que as pistas autogeradas facilitam a recordação confiável dos eventos.

Outro ponto importante é que as MAs apresentam algum tipo de molde associativo, e o acionamento de tais memórias, não ocorre de maneira aleatória, mas sim de forma estruturada (Mace, 2013). Conseqüentemente, as memórias se correlacionam de duas formas: eventos gerais, ou seja, memórias do mesmo período do evento e ligadas temporalmente, e de forma conceitual, associadas pelo seu conteúdo. A temporalidade não é a estrutura base desse padrão associativo e MA's específicas relacionam-se entre si como padrão (Mace, 2013), ou seja, ativações em rede acontecem comumente no específico (Conway, 2004).

Para a ativação da rede associativa, os pesquisadores têm utilizado estímulos na evocação e recuperação de MAs. Esses estímulos podem ser: imagens, fotos, faces, música, ou mesmo a solicitação do relato de memórias de uma determinada época (Wisco & Nolen-Hoeksema, 2010). No estudo de Crane, Bernhofer e Mark (2008) foi avaliado a função de pistas autorrelevantes para o sujeito na capacidade de evocar MAs específicas. Os resultados demonstraram uma correlação negativa significativa entre recuperar MAs a partir de pistas autorrelevantes apresentadas no Teste de Memória Autobiográfica em pacientes depressivos. A hipótese do estudo é que as pistas autorrelevantes contribuem na recuperação de MA's específicas em indivíduos deprimidos.

A recuperação de um evento na memória é gerativa, influenciada pelo tipo de pista utilizada para acessar a memória, e pode vir em forma de narrativa (Greenberg & Rubin, 2003), acompanhada de emoções ligadas ao evento original (Schaefer & Philippot, 2005), o que evidencia a relação entre memórias e emoções. Assim, o objetivo deste trabalho foi investigar o efeito de memórias autobiográficas específicas familiares, e de outro sujeito do mesmo sexo, no afeto e na evocação de outras memórias autobiográficas.

#### **1.4. Justificativa**

Pesquisas relatam que a memória autobiográfica é um fator primário para a interação social (Bluck et al., 2013; Neisser, 1986), que frequentemente compartilhamos MAs (Pillemer, 2003) e que diferentes estímulos são capazes de evocar memórias (Janata, 2007). Além disso, elas influenciam fortemente no afeto (Vuoskoski & Eerola, 2012). Ademais, no processo de evocação, considerando a teoria das redes associativas, memórias autobiográficas voluntárias ativam outras memórias autobiográficas relacionadas, que podem se tornar conscientes como memórias recuperadas espontaneamente, horas a dias depois, quando alguém encontra pistas relacionadas ao conteúdo.

Assim, no presente estudo, examinamos a possibilidade de memórias autobiográficas específicas do próprio sujeito, consideradas como memórias familiares, e memórias autobiográficas específicas de outros sujeitos influenciarem na evocação de outras memórias autobiográficas e no estado afetivo.

Estudos dessa natureza podem contribuir na compreensão da organização das memórias autobiográficas, e em sua função social. Além disso, encontrar estímulos que possam facilitar a evocação de memórias autobiográficas pode auxiliar no desenvolvimento de treinamentos terapêuticos em grupos clínicos, como na depressão e no estresse pós traumático que apresentam uma disfunção da especificidades das MAS (Pergher, Stein & Wainer, 2004).

## **1.5. Objetivo geral**

O objetivo deste trabalho foi investigar o efeito de memórias autobiográficas específicas, e de outro sujeito do mesmo sexo, no afeto e na evocação de outras memórias autobiográficas.

### **1.5.1. Objetivos específicos**

- Investigar os tipos de memórias autobiográficas evocadas e sua valência, com o uso de estímulos familiares, memórias autobiográficas do próprio sujeito, e de outros sujeitos do mesmo sexo;
- Avaliar e comparar especificidade, latência e duração das memórias autobiográficas evocadas com o uso de estímulos familiares, memórias autobiográficas do próprio sujeito, e de outros sujeitos do mesmo sexo;
- Comparar o afeto positivo e negativo entre condições.

## **2. CAPÍTULO II – METODOLOGIA**

Trata-se de um delineamento de estudo quantitativo, transversal e descritivo. A amostra foi composta por um grupo de 23 voluntários saudáveis por conveniência do sexo masculino e feminino, com idade entre 18 e 30 anos.

### **2.1 Critério de elegibilidade**

Foram incluídos para a pesquisa os participantes com idade entre 18 e 30 anos, com capacidade para ler e responder aos instrumentos de forma autônoma. Foram excluídos da pesquisa os participantes que apresentaram índices altos de sintomas de ansiedade e depressão avaliados pelo Inventário de ansiedade de Beck (BAI) e o Inventário de depressão de Beck (BDI), respectivamente.

## **2.2. Instrumentos e Equipamentos**

### **a) Questionário biosociodemográfico**

O questionário continha perguntas aos participantes sobre o sexo, idade, profissão, estado civil e escolaridade.

### **b) BDI- Inventário Beck de Depressão**

O BDI (Beck Depression Inventory) foi desenvolvido por Beck et al. (1961), constituindo-se em uma escala de avaliação da sintomatologia depressiva. A escala compõe 21 itens para serem classificados quanto a intensidade, apresentando-se com variabilidade de 0 a 3 pontos para cada item. Solicita-se que o voluntário escolha aquele(s) item(ns) que melhor descrevem a forma como ele se sentiu na última semana, incluindo o dia do preenchimento. Cada afirmação selecionada deve ser circulada, gerando-se um escore entre 0 e 63. Serão considerados os dados normativos que classificam os resultados entre 0 e 11 como depressão em nível mínimo, 12 e 19 como depressão leve, 20 e 35 pontos, depressão moderada de 36 a 63 como depressão grave.

### **c) BAI- Inventário Beck de Ansiedade**

O Inventário de Ansiedade de Beck (BAI) foi originalmente desenvolvido por Beck et al (1998). A escala compõe 21 itens que avaliam os aspectos somáticos, afetivos e cognitivos dos sintomas característicos da ansiedade. Cada um dos sintomas recebe uma classificação e devem ser avaliados pelo sujeito com referência a si mesmo dentro de uma escala de 4 pontos: 0 (levemente); 1 (mínima: não me incomodou muito); 2 (moderadamente: foi muito desagradável, mas pude suportar); 3 (gravemente: difícil de suportar). A soma dos itens resulta em um escore total com variabilidade entre 0 e 63 (Beck & Steer, 1991), e foi validada no Brasil por Cunha (2001), com índices de correlação entre teste e reteste variando entre 0,53 e 0,56.

### **d) TMA- Teste de memória autobiográfica**

O Teste de Memória Autobiográfica – TMA (Autobiographical Memory Test – AMT) foi desenvolvido por Williams & Broadbent (1986) na base do paradigma de palavras-chave de Galton-Crovitz, e adaptado para a população brasileira por Pergher (2005). O teste consiste na apresentação de 15 palavras-estímulo com diferentes valências (positiva, negativa e neutra) sendo cinco positivas (elogio, agradável, diversão, animado e honesto), cinco negativas (trágico, infeliz, miséria, raivoso e decepcionado) e cinco neutras (novo, embrulhado, ocasião, manualmente e infantil), e permite adaptação com relação a quantidade de palavras usadas. A tarefa consiste em ver o estímulo da palavra e relatar uma lembrança específica de sua história de vida que tenha relação com a palavra apresentada. Para controlar o efeito de ordem é apresentado às palavras-estímulo de valência positiva, negativa e neutra (Aurélio & Cláudio, 2009). O TMA é um instrumento flexível a depender da amostra e o objetivo de cada estudo para utilização das palavras-estímulo. Nesta pesquisa foram utilizadas nove palavras do TMA: Elogio, novo, decepcionado, infantil, animado, ocasião, raivoso, infeliz e diversão.

#### **e) PANAS- Escala de Afetos Positivos e Negativos**

A Escala de Afetos Positivos e Afetos Negativos (Positive and Negative Affect Schedule PANAS, Watson, Clark & Tellegen, 1988) é um dos instrumentos mais empregados na investigação de estados afetivos em adultos. O instrumento possui dois fatores (afetos positivos e afetos negativos) com 20 itens igualmente distribuídos entre os fatores, sendo a última versão validada por Pires et al. (2013).

### **2.3. Equipamentos**

**a)** Fone com microfone Usb preto Microsoft - JUG00013

**b)** *Software Praat*, ferramenta de gravação com análise de voz, desenvolvida por Paul Boersma e David Weenink, do *Institute of Phonetic Sciences*, Universidade de Amsterdam.

### **2.4 Procedimento de coleta**

A pesquisa foi divulgada através da distribuição de folders na cidade de João Pessoa e pelas redes sociais (instagram e whatsapp). Após o contato inicial, foram agendados dia e hora para coleta de dados. A pesquisa foi realizada na UFPB, no Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHLA), no Laboratório de Pesquisas em Cognição e Comportamento (LAPECC).

O procedimento foi realizado em duas sessões com um intervalo de até 7 dias entre as mesmas. Cada participante compareceu ao laboratório duas vezes. O tempo médio de cada sessão foi de aproximadamente 60 minutos e a sua aplicação foi feita apenas de forma individual e realizada pelo mesmo pesquisador. Ao final de cada sessão houve um espaço aberto para o com cada participante no qual poderiam esclarecer qualquer dúvida. A seguir, será detalhado o procedimento de cada sessão.

### Sessão 1 - Tarefa de Recuperação da Memória Autobiográfica Específica

Na sessão 1, o primeiro passo foi a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com a finalidade da compreensão do âmbito do estudo e garantia do anonimato e confidencialidade aos participantes, informando-os sobre preenchimento de escalas de autorrelato, e a condição da gravação por áudio de suas memórias autobiográficas como parte do procedimento.

Com fins de critérios de inclusão/exclusão dos participantes todos preencheram os inventários BDI e BAI, tendo como ponto de corte do BDI: 0 a 13 sendo mínimo ou ausência de sintomas, 14 a 19 sintomas leves, 20 a 28 moderado e 29 a 63 grave. O bai tem como ponto de corte: 0 a 10 sem sintomas, 11 a 19 sintomas leves, 20 a 30 moderado e 31 63 grave. Os participantes que pontuaram acima seriam encaminhados a atendimento na clínica de psicologia da UFPB, entretanto, tendo como base os critérios do BDI e BAI, não houve exclusão de voluntários.

Passou-se a aplicação do TMA. O pesquisador informou aos participantes que iam dispor de apenas sessenta segundos após observar a palavra e narrar a primeira lembrança que lhe viesse na memória, desde que esta fosse um evento específico de sua vida ocorrido (com início, meio e fim). A memória foi gravada através do notebook, pelo programa PRAAT (Fonseca, 2009).

O pesquisador e o voluntário ficaram sentados à mesa, e as palavras-estímulo impressas em cartões, de posse do pesquisador, foram apresentadas ao participante, cada uma individualmente e foi solicitado que narrasse a primeira memória autobiográficas que lhe vinha à mente com a apresentação daquela palavra-estímulo. O voluntário dispõe de até 60 segundos

para concluir seu relato. Caso o participante não conseguisse fornecer um relato de um evento específico, o pesquisador lhe dava uma dica “Essa palavra lhe faz lembrar de alguma situação específica?” As respostas foram gravadas em áudio e posteriormente foram avaliadas por três juízes independentes para sua categorização de especificidade. As três memórias avaliadas como com mais especificidade foram selecionadas para a segunda etapa da pesquisa, sendo uma de valência positiva, uma neutra e uma negativa.

Sessão 2 - Tarefa de Evocação da Memória Autobiográfica por Exposição de Memórias Previamente Gravadas de si e de outros participantes.

Na segunda sessão, cada participante foi exposto a gravação de suas próprias memórias autobiográficas específicas (3 gravações) e a memórias autobiográficas de outra pessoa (3 gravações padronizadas), equivalente ao sexo. Por exemplo, quando o voluntário foi do sexo masculino, ouviu suas memórias autobiográficas e posteriormente a gravação padronizada de outra pessoa do mesmo sexo. As memórias autobiográficas de valência positiva, negativa e neutra de outras pessoas foram padronizadas e são fictícias, gravadas por um homem e uma mulher, com o mesmo conteúdo. A ordem de apresentação foi o áudio positivo, neutro e negativo, nas duas condições (ouvir sua MA e ouvir MA de outra pessoa do mesmo sexo).

O PANAS foi utilizado antes do experimento, após a narrativa da última MA do participante ao ouvir sua própria MA, e ao final do experimento. A sessão foi gravada para posterior categorização das MA's, análise do tempo entre a exposição da MA e o início do relato da MA e duração da MA narrada.

## **2.5. Aspectos Éticos**

A pesquisa foi desenvolvida após aprovação e emissão da certidão do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Paraíba (ANEXO 3), seguindo as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, contidas na Resolução de nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). A pesquisa apresentou como risco previsível o desconforto durante o processo de evocação de memórias autobiográficas específicas de valência negativa. Caso ocorresse algum incidente na evocação de memória, o procedimento era imediatamente suspenso e a demanda do voluntário seria prontamente atendida.

## **2.6. Análise dos dados**

A análise exploratória dos dados foi realizada pela análise da frequência da valência e do tipo de memórias evocadas nas duas condições: após ouvir sua própria MA e após ouvir MAs de outra pessoa do mesmo sexo. A classificação das categorias valência e tipo de memórias foram realizadas por dois juízes independentes e utilizou-se o índice de Kappa, que apresentou 0,78 para concordância. Em seguida, avaliou-se p ajuste das distribuições em cada variável em relação à curva normal. Este procedimento foi realizado com teste de Shapiro-Wilk, além de medidas de assimetria e curtose com limites entre -1 e 1 para decisão por normalidade. Devido ao N amostral reduzido e não normalidade dos dados, passou-se a análise com estatística não paramétrica para todos os dados, exceto a avaliação da duração das MA 's.

### 3. CAPÍTULO III – RESULTADOS

A amostra avaliada contou com 23 participantes (M=25,65 e DP= 5,843), sendo 12 mulheres e 11 homens. Foram evocadas 68 memórias após apresentação de MAs do próprio sujeito, e 67 após apresentação de MAs de outra pessoa do mesmo sexo do voluntário. Os resultados descritivos demonstraram que ouvir sua própria MA ou a de outra pessoa do mesmo sexo, promoveu maior evocação de outras MA's predominantemente de mesma valência que as MA's utilizadas como estímulo.

Tabela 1 - Frequência da valência das MA's evocadas por condição e valência.

	Condições					
	MAs do sujeito			MAs de outra pessoa do mesmo sexo		
Valências das MA's	Valência positiva Áudio 1	Valência neutra Áudio 2	Valência negativa Áudio 3	Valência positiva Áudio 4	Valência neutra Áudio 5	Valência negativa Áudio 6
Positiva	19	8	5	22	6	1
Neutra	3	12	1	0	14	4

Negativa	1	2	17	1	2	7
<b>TOTAL</b>	23	22	23	23	22	22

A frequência do tipo de memória evocada, a saber, associado semântico, memórias gerais ou categóricas e memórias autobiográficas específicas demonstrou que ouvir sua própria MA ou a de outra pessoa do mesmo sexo, promoveu maior evocação de outras MA's predominantemente da mesma especificidade que as MA's utilizadas como estímulo, independente da MA ser do próprio voluntário ou de outra pessoa do mesmo sexo (Tabela 2).

Tabela 2: Frequência do tipo de memória evocada após apresentação das memórias autobiográficas.

Tipo de MA evocada	Condições					
	MA do sujeito			MA de outra pessoa do mesmo sexo		
	valência positiva Áudio 1	valência neutra Áudio 2	valência negativa Áudio 3	valência positiva Áudio 4	valência neutra Áudio 5	valência negativa Áudio 6
Associado semântico	1	1	3	0	2	3
Memória geral ou categórica	0	1	1	0	1	1
Memória autobiográfica específica	22	21	19	22	19	19
<b>TOTAL</b>	23	23	23	22	22	23

Os testes inferenciais foram realizados após teste de normalidade dos dados. Apenas a variável duração apresentou normalidade, e para análise dessa variável foi utilizado teste paramétrico, ANOVA para medidas repetidas. Utilizou-se teste de Friedman para comparação da latência e especificidade das MAs na mesma condição (ouvir sua própria MA ou ouvir MA de outra pessoa), e Wilcoxon para comparação entre condições. Foram utilizados os mesmos testes para análise do afeto positivo e negativo.

Tabela 3 – Mediana e Interquartil da duração, latência, especificidade de cada MA nas duas condições.

Atributos da Memórias Autobiográficas					
Especificidade		Duração		Latência	
Mediana	IQ R	Mediana	IQR	Mediana	I QR

<b>Áudio 1-MA positiva do próprio sujeito</b>	3,00	3	23,50	19	5,00	9
<b>Áudio 2-MA neutra do próprio sujeito</b>	3,00	3	30,50	22	5,00	7
<b>Áudio 3-MA negativa do próprio sujeito</b>	3,00	2	3,00	17	4,00	9

<b>Áudio</b>						
<b>4- MA positiva de outro sujeito</b>	3,00	2	22,00	19	5,00	10
<b>Áudio 5- MA neutra de outro sujeito</b>	3,00	9	2 5,00	33	4,00	3
<b>Áudio 6- MA negativa d e outro sujeito</b>	3,00	3	31,50	37	5,00	4

Não houve diferença na latência das memórias autobiográficas específicas evocadas na condição ouvir sua própria MA com valência positiva, negativa e neutra ( $X^2_{(2)}=1,654$ ,  $p=0,43$ ), na condição ouvir a MA de outra pessoa do mesmo sexo com valência positiva, negativa e neutra ( $X^2_{(2)}=0,23$ ,  $p=0,98$ ). Ou seja, os voluntários passaram o mesmo tempo para iniciar o relato de uma memória autobiográfica após ouvir sua própria MA, independente da valência do áudio estímulo, e após ouvir a MA de outra pessoa do mesmo sexo, também independente da valência do áudio estímulo.

Não houve diferença entre a especificidade das MAs evocadas após ouvir sua própria MA de valência positiva, negativa e neutra ( $X^2_{(2)}=2,00$ ,  $p=0,36$ ), e na especificidade das MAs evocadas após ouvir a MA de outra pessoa do mesmo sexo, de valência positiva, negativa e neutra ( $X^2_{(2)}=3,71$ ,  $p=0,15$ ). O estímulo utilizado independente da valência, gerou memórias autobiográficas específicas, nas duas condições (ouvir sua MA e ouvir MA de outra pessoa).

Ao comparar as condições ouvir sua própria MA e ouvir a MA de outra pessoa do mesmo sexo, não foram encontradas diferenças na latência das MAs evocadas por MAs de valência positiva ( $Z=-0,50$ ,  $p=0,614$ ), neutra ( $Z=-1,40$ ,  $p=0,160$ ) e negativa ( $Z=-1,02$ ,  $p=0,30$ ), e na especificidade das MAs evocadas por MAs de valência positiva ( $Z=1,00$ ,  $p=0,31$ ), neutras ( $Z=-$

0,52,  $p=0,59$ ) e negativas ( $Z=-1,02$ ,  $p=0,30$ ). Assim, ouvir sua própria MA como estímulo, ou ouvir a MA de outra pessoa do mesmo sexo, gera a mesma especificidade das novas MAs evocadas, e leva o mesmo tempo para o início do relato. Não houve diferença na latência e especificidade das MAs evocadas entre valências e condições.

A ANOVA de medidas repetidas para duração do relato das MAs entre condições apresentou diferença ( $F_{(5,110)} = 2,99$ ,  $p < 0,05$ ). O pos hoc LSD demonstrou efeito da duração das MAs após ouvir MA's positivas de si mesmo e de outra pessoa ( $p=0,07$ ), após ouvir MAs positiva de si mesmo e negativa do outro ( $p=0,042$ ), das MAs neutras de si mesmo e do outro ( $p=0,025$ ) e da MA ao ouvir MA negativa de si mesmo e positiva de outra pessoa ( $p=0,019$ ). Assim, observou-se que ouvir uma memória autobiográfica, seja sua ou de outra pessoa do mesmo sexo, evoca o relato de memórias autobiográficas negativas por uma duração de tempo maior do que a duração do relato de memórias positivas evocadas por outras memórias positivas da própria pessoa do mesmo sexo.

( Figura 1 ).

Figura 1: Duração das MA's nas duas condições.

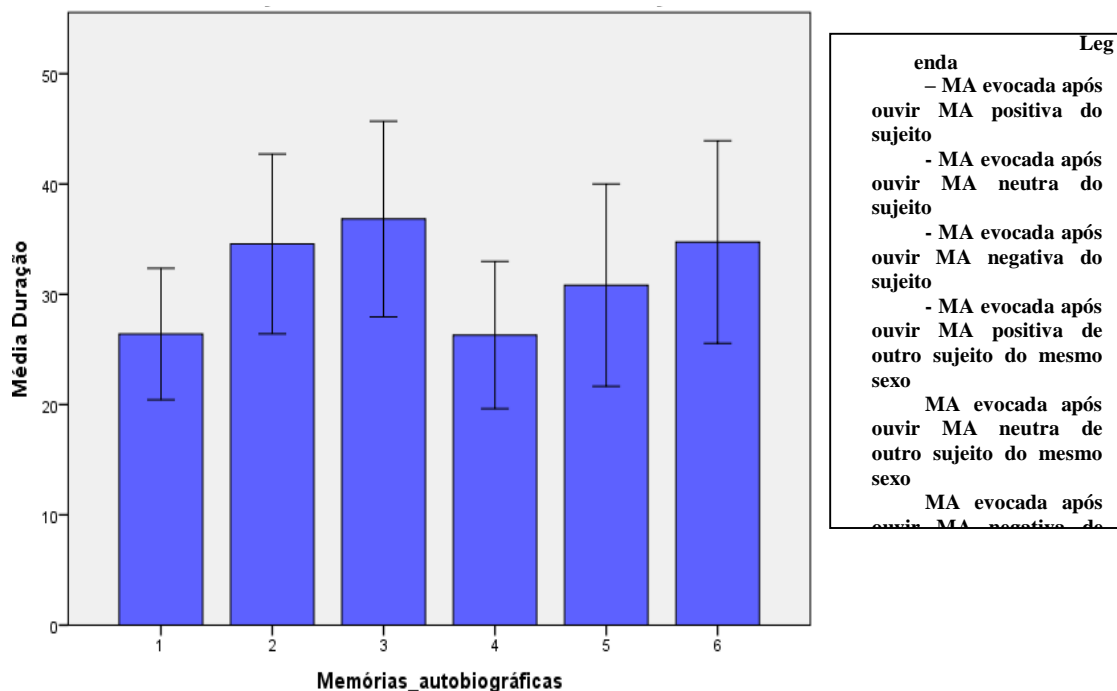


Tabela 5 – Média e desvio padrão do PANAS em cada MA nas duas condições.

Condição	Afeto Positivo		Afeto Negativo	
	Média	Desvio	Média	Desvio
Antes do experimento	25,13	8,10	16,43	5,59
Após narrar MAs evocadas por suas próprias MAs	20,91	8,24	17,57	7,22
Ao fim do experimento	21,39	8,16	15,26	5,31

As comparações entre afeto positivo e negativo, antes do experimento ( $Z=29,5$ ,  $p<0,002$ ), após narrar MAs evocadas por suas próprias MAs ( $Z=88,5$ ,  $p=0,217$ ), e após narrar MAs evocadas por ouvir MAs específicas de outras pessoas do mesmo sexo, ou seja, ao final do experimento ( $Z=43,5$ ,  $p<0,05$ ), demonstram que os voluntários apresentaram mais afeto positivo do que negativo antes do experimento e após narrar MAs específicas evocadas por MAs de outras pessoas do mesmo sexo. Observou-se uma diferença no afeto negativo nas três condições ( $X^2(2)=6,00$ ,  $p<0,05$ ), que não se manteve nas comparações múltiplas pela análise do nível de significância ajustado. Mas a análise do afeto positivo demonstrou diferenças ( $X^2(2)=14,50$ ,  $p<0,05$ ). O teste de comparações múltiplas mostrou que o afeto positivo antes do experimento foi maior que afeto positivo após a evocação das MA's específicas ao ouvir sua própria MA ( $p=0,004$ ) e a MA de outra pessoa houve uma redução do afeto positivo ao final do experimento, entretanto, os participantes continuaram apresentando mais afeto positivo do que negativo.

#### 4. CAPÍTULO IV - DISCUSSÃO

O presente trabalho buscou investigar o efeito em ouvir memórias autobiográficas

específicas familiares dos próprios sujeitos e de outro do mesmo sexo, em relação ao afeto e na evocação de outras memórias autobiográficas. Os resultados indicaram evocação de outras memórias autobiográficas específicas, de mesma valência que as das memórias utilizadas como estímulos, não existindo diferenças na especificidade e latência das MA's evocadas, mas diferença na duração do relato das MA's. Para o estudo, era previsto em parte, o desfecho citado, tendo como embasamento o modelo de rede associativa das memórias, bem como os princípios de especificidade de codificação-recuperação e a discriminação dos estímulos utilizados, pois foram utilizados como estímulos evocadores memórias classificadas como específicas, recordadas por cada voluntário, ou seja, MAs específicas do próprio sujeito, e MA's específicas de outros sujeitos do mesmo sexo.

De acordo com Tuckey e Brewer (2003) a memória pode ser compreendida como uma rede de nós, conseqüentemente, episódios específicos se conectam para formar *links* associativos entre si, o que representa o princípio da rede associativa de memórias. Além disso, o estado emocional no processo de recuperação ativa uma rede de memórias autobiográficas que compartilham o mesmo estado afetivo. Ou seja, memórias de uma situação emocional tornam mais fácil o acesso a outros eventos emocionalmente semelhantes, fenômeno referido como a memória congruente com o humor (Bower,1981). Assim, é possível que as MA's específicas utilizadas como estímulos, sejam elas do próprio sujeito ou de outro sujeito do mesmo sexo, tenham promovido a ativação da rede associativa de memórias e da congruência do humor.

O estudo clássico de Kalamarides (1986), em que os sujeitos relataram seus pensamentos enquanto relembrou suas memórias, demonstrou que informações relacionadas à história de vida de um indivíduo influenciam fortemente no processo de evocação. Assim, na condição de ouvir sua própria memória autobiográfica específica, era esperado a evocação de outras memórias autobiográficas do sujeito.

Por outro lado, a utilização de MAs de outro sujeito do mesmo sexo e os resultados encontrados são inéditos na literatura, mas corroboram com estudos que utilizaram outros estímulos evocadores. Sheldon e Donahue (2017) utilizaram solos de piano clássico não familiares de valência emocional positiva e negativo e graus de excitação alta e baixa para evocação de MA's em 48 voluntários, e encontraram uma relação de semelhança entre a valência da pista e da MA evocada, o que reforçou a ideia que a valência emocional é um fator predominante na organização do conteúdo das MA's (Sheldon & Donahue, 2017). Os resultados de Janata et al. (2007) também corroboram com os achados desta pesquisa. Em seu estudo, o conteúdo das MAs relatadas pelos participantes foi influenciado pela valência emocional (positiva ou negativa) dos áudios utilizados com estímulos. Adicionalmente, Arlea e Bluck (2003) reforçam a ideia que compartilhar memórias com mais detalhes, inclusive

emocionais, consideradas mais persuasivas e com mais credibilidade, promove mais intimidade nas relações interpessoais. Baseados nessa proposição, é possível compreender os atuais resultados pelo uso de MA's específicas, mesmo as de outros sujeitos, como eficazes na evocação de outras MA's.

Um princípio bem estabelecido sobre memórias é a teoria do traço difuso (Brainerd et al., 1995), que propõe que vários traços são codificados na memória para um único evento. Em outras palavras, durante a codificação são criados diferentes traços de memória, mas relacionados entre si, alguns com informações sobre um evento (traços de essência) e outros com detalhes exatos do mesmo evento (traços textuais). Os traços de essência são provavelmente ativados por uma gama mais ampla de pistas de recuperação do que os traços textuais (Tuckey e Brewer, 2003). Isso significa que dicas de recuperação mais distintivas são necessárias para acessar informações mais detalhadas (Bellezza e Hoyt, 1992; Tullis e Benjamin, 2015a), e que diferentes pistas de recuperação podem facilitar a lembrança de diferentes itens de informação (Geiselman et al., 1986). Baseados nessa teoria, acreditamos que os estímulos familiares e pessoais foram distintos o suficiente para evocar outras memórias autobiográficas específicas, assim como as memórias autobiográficas de outros sujeitos do mesmo sexo, que também facilitaram a evocação de memórias autobiográficas específicas, um resultado inicialmente não esperado, mas que demonstra que memórias autobiográficas específicas, independente de sua valência e de ser do próprio sujeito ou de outra pessoa do mesmo sexo, evocam outras memórias autobiográficas específicas e reforça a proposição de que ativações em rede acontecem comumente no nível específico (Conway, 2004).

Na literatura sobre memórias autobiográficas, referências a “dicas auto-referentes”, “dicas auto-relevantes” ou “pistas pessoais relevantes” não são incomuns, afinal existe uma forte relação entre o self e a memória, o que inclusive distingue as memórias autobiográficas de outros tipos de memória (Conway & Pleydell-Pearce, 2000). Além disso, foi sugerido que a memória é, pelo menos, em parte, organizada em torno do conceito de si mesmo (Greenwald & Banaji, 1989; Symons & Johnson, 1997).

Uma pista auto-referente geralmente envolve o processamento de informações em referência ao *self*. Em termos mais simples, isso significa pensar sobre si mesmo durante o processo de codificação (Turk et al., 2015), o que tem implicações mais amplas para auxiliar o lembrar, bem como pode impactar na utilização do tipo de estímulos que podem ser utilizados em treinamentos e intervenções com memórias autobiográficas, com grupos clínicos como pacientes depressivos, com estresse pós traumático ou perda de memória, que apresentam prejuízo na especificidade das memórias autobiográficas.

A não diferença entre especificidade e latência na evocação das MAs no presente estudo, independente da condição (ouvir sua própria MA ou ouvir a MA de outro sujeito do mesmo sexo), e da valência dos áudios utilizados como estímulo, reforçam a efetividade de MAs específicas como estímulos eficazes na evocação de outras MAs específicas, considerando que

a especificidade relaciona-se aos detalhes da memória, e a latência a acessibilidade (Mace, 2012). Já com relação a duração, observou-se que a utilização de memórias autobiográficas específicas de valência negativa do próprio sujeito ou de outra pessoa do mesmo sexo evocou o relato de memórias autobiográficas negativas por uma duração de tempo maior do que a duração do relato de memórias positivas evocadas por outras memórias positivas do próprio sujeito.

Os estudos relacionados com a valência e especificidade das MA's são divergentes. Alguns indicam que as pessoas tendem a atribuir mais detalhes às experiências positivas do que as negativas (Schaefer & Philippot, 2005), e que apesar de pensar mais nos eventos negativos do que nos positivos, as pessoas falam por mais tempo os eventos positivos (Byrne, Hyman & Scott, 2001). Por outro lado, Berntsen (2002), Kensinger e Schacter (2006) e Talarico et al. (2009) afirmam que narrativas autobiográficas negativas contêm mais detalhes centrais do que eventos positivos. Como não foram observadas diferenças com relação a valência, acreditamos que a especificidade do estímulo promoveu efeito maior que a valência.

Já com relação a diferenciação da duração do relato das MAs, os dados atuais corroboram em parte com o estudo de Bohanek, Fivush e Walker (2005). Eles observaram que embora seus participantes tenham apresentado mais coerência no relato de MAs de eventos positivos, a narrativa dos eventos negativos foi mais longa e continha mais palavras, o que denota maior processamento cognitivo. Este dado é consistente com pesquisas anteriores que sugerem que eventos intensamente negativos são lembrados por longos períodos de tempo por sua intensidade e importância (Peterson & Whalen, 2001; Porter & Birt, 2001). No estudo de Bohanek et al. (2005) as mulheres classificaram os eventos negativos como mais frequentemente falados e pensados, sugerindo que estes eventos intensamente emocionais vêm à mente com mais frequência e, portanto, são lembrados com muitos detalhes e por longo período de tempo.

A avaliação do afeto positivo e negativo dos voluntários entre condições demonstrou que apesar da redução do afeto positivo ao final do experimento, os participantes continuaram apresentando mais afeto positivo do que negativo em todas as condições. No estudo de Bluck e Li (2001) as avaliações de vivacidade foram relacionadas com sentimentos de raiva e tristeza, mas não com felicidade ou surpresa. Por outro lado, Bunnell e Greenhoot (2017) realizaram um estudo com 41 crianças e jovens adultos para recuperar MAs negativas de eventos gerais ou

específicos e avaliaram o estado emocional ao escutar suas próprias memórias. Os resultados demonstraram não haver mudança significativa nos estados emocionais dos jovens adultos quando recordam suas próprias memórias. Tais dados corroboram em parte com nossos resultados, e podem estar relacionados a estratégias efetivas de regulação emocional em adultos.

Ademais, Rimé (1998), reforçou a ideia que recordar e falar sobre experiências pessoais podem beneficiar o processo de regulação emocional particularmente quando as MA's são de valência negativa. O autor sugere que há benefícios no quesito emocional ao falar sobre experiências idiossincráticas negativas ao reformulá-las no momento presente. Pasupathi e Rich (2002) discutem que ao falar do passado com outras pessoas, o indivíduo modifica sua avaliação dos eventos, o que reforça a ideia de que conversas servem para regular emoções, melhorando a visão positiva associada a um evento negativo (Pasupathi, 2003). Entretanto, a ausência da avaliação das estratégias de regulação emocional da amostra impede maiores conjecturas.

Ressaltamos ainda a existência de outras limitações no presente estudo que precisam ser abordadas. O número amostral reduzido e a não diferenciação por sexo são variáveis importantes, mas ressalta-se que a coleta de dados do presente trabalho foi interrompida devido a pandemia mundial do COVID. Outra limitação foi a ausência de análises textuais, que poderiam beneficiar na análise da especificidade das MAs coletadas.

Sugere-se em futuros estudos a inclusão de tais análises, além da avaliação de variáveis fisiológicas, como condutância de pele e variabilidade da frequência cardíaca, que podem favorecer a compreensão da relação entre as memórias autobiográficas e emoções.

## **5. CAPÍTULO V - CONCLUSÃO**

A capacidade de evocar eventos pessoais representa um meio de compreensão de si mesmo, dos outros e do mundo (Wheeler & Gabbert, 2017). Afinal, relembrar memórias pessoais, possibilita a identificação do *self* de forma consistente ao longo do tempo, auxilia na resolução de problemas e planejamento do futuro, pois permite aprender com as experiências passadas, e fortalece os laços sociais, pela construção e manutenção de intimidade com os outros nas relações interpessoais, por meio do compartilhamento de histórias sobre eventos passados

peçoais (Harris et al., 2014).

A recuperação bem-sucedida de informações da memória muitas vezes depende do tipo de pistas utilizadas na recuperação. No presente estudo, observamos que a utilização de memórias autobiográficas específicas, seja do próprio sujeito ou de outro sujeito do mesmo sexo, tendem a evocar outras memórias autobiográficas específicas. Observamos ainda que, a princípio, ouvir memórias autobiográficas específicas e relatar outras não altera o afeto do sujeito. Diante das considerações, é possível pensar que a utilização de estímulos dessa natureza possa auxiliar no desenvolvimento de tratamentos para grupos clínicos que apresentam redução da especificidade das memórias autobiográficas, como pacientes depressivos ou com Alzheimer. Tal estratégia pode ser utilizada em treinamento de memórias autobiográficas ou associada a outras intervenções terapêuticas.

Os resultados obtidos neste estudo revelaram a carência e a necessidade de novos trabalhos relacionados à investigação da evocação da memória autobiográfica. Outras questões para o avanço dos estudos na área incluem o mapeamento das condições socioeconômicas e de saúde mental dos participantes, comparações entre gênero e faixas etárias e o desenvolvimento de ensaios clínicos randomizados com grupos clínicos. Dessa forma, propõe-se que novas pesquisas levantem subsídios capazes de fomentar o desenvolvimento de estratégias que possam facilitar a evocação de memórias autobiográficas.

## **Referências**

Atkinson, R. C., & Shiffrin, R. M. (1968). Human Memory: A Proposed System and its Control. (K. W. Spence & J. T. B. T.-P. of L. and M. Spence, eds.). [https://doi.org/https://doi.org/10.1016/S0079-7421\(08\)60422-3](https://doi.org/https://doi.org/10.1016/S0079-7421(08)60422-3)

Aurélio, J. G., & Cláudio, V. (2009). Congruência de humor em memórias autobiográficas de infância de indivíduos com depressão. *Análise Psicológica*, 27, 159-173.

Baker, R. C., & Gutterfreund, D. O. (1993). The effects of written autobiographical recollection induction procedures on mood. *Journal of Clinical Psychology*, 49, 563–568. doi:10.1002/1097-4679(199307)49.

Bellezza, F. S., & Hoyt, S. K. (1992). The self-reference effect and mental cueing. *Social*

Cognition, 10(1), 51–78. <https://doi.org/10.1521/soco.1992.10.1.51>

Berntsen, D. (2009). *Involuntary autobiographical memories: An introduction to the unbidden past*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Berntsen, D. (2010). The Unbidden Past: Involuntary Autobiographical Memories as a Basic Mode of Remembering. *Current Directions in Psychological Science*, 19(3), 138–142. <https://doi.org/10.1177/0963721410370301>

Berntsen, D., & Rubin, D. (Eds.). (2012). *Understanding Autobiographical Memory: Theories and Approaches*. Cambridge: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9781139021937

Bluck, S., & Li, K. Z. H. (2001). Predicting memory completeness and accuracy: Emotion and exposure in repeated autobiographical recall. *Applied Cognitive Psychology*, 15, 145–158.

Bluck, S., Alea, N., Habermas, T., & Rubin, D. (2005). A TALE of Three Functions: The Self-Reported Uses of Autobiographical Memory. *Social Cognition - SOC COGNITION*, 23, 91–117. <https://doi.org/10.1521/soco.23.1.91.59198>

Bluck, S., Baron, J., Ainsworth, S., Gesselman, A., & Gold, K. (2013). Eliciting Empathy for Adults in Chronic Pain through Autobiographical Memory Sharing. *Applied Cognitive Psychology*, 27. <https://doi.org/10.1002/acp.2875>

Bohanek J. G., Fivush R., & Walker E. (2005). Memories of positive and negative emotional events. *Applied Cognitive Psychology*, 19, 51–66. <http://dx.doi.org/10.1002/acp.1064>

Bower, G. H. (1981). Mood and memory. *American Psychologist*, 36(2), 129–148. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.36.2.129>

Brewer, D., Doughtie, E. B., & Lubin, B. (1980). Induction of mood and mood shift. *Journal of Clinical Psychology*, 36(1), 215–226. [https://doi.org/10.1002/1097-4679\(198001\)36:1<215::AID-JCLP2270360127>3.0.CO;2-6](https://doi.org/10.1002/1097-4679(198001)36:1<215::AID-JCLP2270360127>3.0.CO;2-6)

Brewer, W. F. (1986). What is autobiographical memory? In D. C. Rubin (Ed.), *Autobiographical memory* (p. 25–49). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511558313.006>

Brown, N., & Lee, P. (2010). Public events and the organization of autobiographical memory: An overview of the Living-in-History Project. *Behavioral Sciences of Terrorism and Political Aggression*, 2, 133–149. <https://doi.org/10.1080/19434471003597431>

Bunnell, S., & Greenhoot, A. (2017). Do Overgeneral Memories Make us feel better? An experimental examination. *Memory*, 26, 1–15. <https://doi.org/10.1080/09658211.2017.1323105>

Byrne, C. A., Hyman, I. E., & Scott, K. L. (2001). Comparisons of Memories for Traumatic Events and Other Experiences. *Applied Cognitive Psychology*, 15(7 SPEC. ISS.), 119–133. <https://doi.org/10.1002/acp.837>

Carneiro, Maria Paula. (2008). Desenvolvimento da memória na criança: o que muda com a idade?. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(1), 51-59. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722008000100007>

Conway, A. R. A., & Engle, R. W. (1994). Working memory and retrieval: A resource-dependent inhibition model. *Journal of Experimental Psychology: General*, 123(4), 354-373. <http://dx.doi.org/10.1037/0096-3445.123.4.354>

Conway, M. A. (1996). Autobiographical knowledge and autobiographical memories. In

D.

C. Rubin (Ed.), *Remembering our past: Studies in autobiographical memory* (p. 67–93). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511527913.003>

Conway, M. A. (2005). Memory and the self. *Journal of Memory and Language*, 53(4), 594–628. <https://doi.org/10.1016/j.jml.2005.08.005> Conway, M. A. (2005). Memory and the self. *Journal of Memory and Language*, 53, 594–628. Conway, M. A.

Conway, M., & Jobson, L. (2012). On the nature of autobiographical memory. <https://doi.org/10.13140/RG.2.1.1434.8647>

Conway, M., Singer, J., & Tagini, A. (2004). The Self and Autobiographical Memory: Correspondence and Coherence. *Social Cognition - SOC COGNITION*, 22, 491–529. <https://doi.org/10.1521/soco.22.5.491.50768>

Conway, M.A & Pleydell-Pearce, C.W., (2000). The construction of autobiographical memories in the self-memory system. *Psychol. Rev.*, 107 (2), 261–288. correspondence and coherence. *Social Cognition*, 22, 491–529.

Crane, C., Barnhofer, T., Visser, C., Nightingale, H., & Williams, J. (2008). The effects of analytical and experiential rumination on autobiographical memory specificity in individuals with a history of major depression. *Behaviour Research and Therapy*, 45, 3077–3087. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2007.05.009>

Dall'Ora, P., della Sala, S., & Spinnler, H. (1989). Autobiographical memory: Its impairment in amnesic syndromes. *Cortex: A Journal Devoted to the Study of the Nervous System and Behavior*, 25(2), 197–217. [https://doi.org/10.1016/S0010-9452\(89\)80037-1](https://doi.org/10.1016/S0010-9452(89)80037-1)

Diana, R., Yonelinas, A., & Ranganath, C. (2007). Imaging recollection and familiarity in the medial temporal lobe: A three-component model. *Trends in Cognitive Sciences*, 11, 379–386. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2007.08.001>

Fisher, R., & Geiselman, R. (1988). Enhancement of Eyewitness Memory with the Cognitive Interview. *The American Journal of Psychology*, 99. <https://doi.org/10.2307/1422492>

Gall, Monique Heinen, Uehara, Emmy. (2018). Memória autobiográfica da infância em universitários da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 9(3), 24-37. Recuperado em 15 de fevereiro de 2021, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-64072018000300003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072018000300003&lng=pt&tlng=pt).

Gauer, G. e Gomes, W.B. (2006). A experiência de recordar em estudos da memória autobiográfica : aspectos fenomenais e cognitivos. *Memorandum*, 11, 102-112. Retirado em // , da World Wide Web [http:// www.fafich.ufmg.br/ ~memorandum/ a11/ gauergomes01.htm](http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a11/gauergomes01.htm)

Gauer, G., da Silveira, A. M., & Gomes, W. B. (2008). Intensidade Emocional de Memórias Autobiográficas: efeitos de sexo e ensaio repetido. *Psico*, 39(3). Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/3773>

Greenberg, D. L. & Rubin, D. C. (2003). The neuropsychology of autobiographical memory. *Cortex*, 39, 687-728

Greenwald, A. G., & Banaji, M. R. (1989). The self as a memory system: Powerful, but ordinary. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(1), 41–54. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.57.1.41>

Harris, C. B., Rasmussen, A. S., & Berntsen, D. (2014). The functions of autobiographical memory: An integrative approach. *Memory*, 22(5), 559–581.

Harris, C., Rasmussen, A., & Berntsen, D. (2013). The functions of autobiographical memory: An integrative approach. *Memory* (Hove, England), 22. <https://doi.org/10.1080/09658211.2013.806555>

Hirst, W., Cuc, A., & Wohl, D. (2012). Of sins and virtues: Memory and collective identity. In D. Berntsen & D. C. Rubin (Eds.), *Understanding autobiographical memory: Theories and approaches* (p. 141–159). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139021937.012>

Howe, M., Wimmer, M., Gagnon, N., & Plumpton, S. (2009). An associative-activation theory of children's and adults' memory illusions. *Journal of Memory and Language*, 60, 229–251. <https://doi.org/10.1016/j.jml.2008.10.002>[https://doi.org/10.1016/1041-6080\(95\)90028-4](https://doi.org/10.1016/1041-6080(95)90028-4)

Jallais, C., & Gilet, A.-L. (2010). Inducing changes in arousal and valence: Comparison of two mood induction procedures. *Behavior Research Methods*, 42(1), 318–325. <https://doi.org/10.3758/BRM.42.1.318>

John H. Mace & Amanda M. Clevinger (2013) Priming voluntary autobiographical memories: Implications for the organisation of autobiographical memory and voluntary

recall processes, *Memory*, 21:4, 524-536, DOI: 10.1080/09658211.2012.744422

Johnson, M. K., Foley, M. A., Suengas, A. G. & Raye, C. L. (1988). Phenomenal characteristics of memories for perceived and imagined autobiographical events. *Journal of Experimental Psychology: General*, 117, 371-376.

Kuwabara, K., & Pillemer, D. (2010). Memories of past episodes shape current intentions and decisions. *Memory* (Hove, England), 18, 365–374. <https://doi.org/10.1080/09658211003670857>

LaBar, K., & Cabeza, R. (2006). LaBar KS, Cabeza R. Cognitive neuroscience of emotional memory. *Nat Rev* 7: 54-64. *Nature Reviews. Neuroscience*, 7, 54–64. <https://doi.org/10.1038/nrn1825>

Mace, J. (2005). Priming involuntary autobiographical memories. *Memory* (Hove, England), 13, 874–884. <https://doi.org/10.1080/09658210444000485>

Mace, J. H. (2007). Involuntary memory: Concept and theory. In J. H. Mace (Ed.), *New perspectives in cognitive psychology. Involuntary memory* (p. 1–19). Blackwell Publishing. <https://doi.org/10.1002/9780470774069.ch1>

Mace, J. H., & Unlu, M. (2020). Semantic-to-autobiographical memory priming occurs across multiple sources: Implications for autobiographical remembering. *Memory & Cognition*, 48(6), 931–941. <https://doi.org/10.3758/s13421-020-01029-1>

Maguire EA. Neuroimaging studies of autobiographical event memory. *Philos Trans R Soc Lond B Biol Sci*. 2001 Sep 29;356(1413):1441-51. doi: 10.1098/rstb.2001.0944. PMID: 11571035; PMCID: PMC1088527

Markus, H. R., & Kitayama, S. (2010). Cultures and selves: A cycle of mutual constitution. *Perspectives on Psychological Science*, 5(4), 420–430. <https://doi.org/10.1177/1745691610375557>

*Memory*, 13, 148-160 *American Psychologist*, 6 67,603–613. <https://doi.org/10.1037/a0029869> memory impairment in amnesic syndromes. *Cortex*, 25, 197-217

Neufeld, C. B., & Stein, L. M. (2001). A compreensão da memória segundo diferentes perspectivas teóricas. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 18(2), 50–63. <https://doi.org/10.1590/s0103-166x2001000200005>

Pasupathi, M. (2003). Emotion regulation during social remembering: Differences between emotions elicited during an event and emotions elicited when talking about it. *Memory*, 11, 151– 163. <http://dx.doi.org/10.1080/741938212>

Pasupathi, M., & Rich, B. (2005). Inattentive Listening Undermines Self-Verification in Personal Storytelling. *Journal of Personality*, 73, 1051–1085. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.2005.00338.x>

Pergher, Giovanni Kuckartz, & Stein, Lilian Milnitsky. (2005). Entrevista cognitiva e terapia cognitivo-comportamental: do âmbito forense à clínica. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 1(2), 11-20. Recuperado em 18 de fevereiro de 2021, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-56872005000200002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872005000200002&lng=pt&tlng=pt).

Peterson, C., & Whalen, N. (2001). Five years later: children's memory for medical emergencies. *Applied Cognitive Psychology*, 15, 7–24.

Petr Janata, Stefan T. Tomic & Sonja K. Rakowski (2007) Characterisation of music-evoked autobiographical memories, *Memory*, 15:8, 845-860, DOI: 10.1080/09658210701734593

Pillemer, D. (2003). Directive functions of autobiographical memory: The guiding power of the specific episode. *Memory (Hove, England)*, 11, 193–202. <https://doi.org/10.1080/741938208>

Pires, P., Filgueiras, A., Ribas, R., & Santana, C. (2013). Positive and Negative Affect Schedule: Psychometric Properties for the Brazilian Portuguese Version. *The Spanish Journal of Psychology*, 16, E58. <https://doi.org/10.1017/sjp.2013.60>

Porter, S., & Birt, A. R. (2001). Is traumatic memory special? A comparison of traumatic memory characteristics with memory for other emotional life experiences. *Applied Cognitive Psychology*, 15, 101–117.

Radvansky, G. (2017). Event Segmentation as a Working Memory Process. *Journal of Applied Research in Memory and Cognition*, 6, 121–123. <https://doi.org/10.1016/j.jarmac.2017.01.002>

Rasmussen, A., & Berntsen, D. (2012). The reality of the past versus the ideality of the future: Emotional valence and functional differences between past and future mental time travel. *Memory & Cognition*, 41. <https://doi.org/10.3758/s13421-012-0260-y>

Reiser, B. J., Black, J. B., & Kalamarides, P. (1986). Strategic memory search processes. In D. C. Rubin (Ed.), *Autobiographical memory* (p. 100–121). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511558313.011>

Reiser, B. J., Black, J. B., & Kalamarides, P. (1986). *Strategic memory search processes*.

In

D. C. Rubin (Ed.), *Autobiographical memory* (p. 100–121). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511558313.011>

Reyna, V. F., & Brainerd, C. J. (1995). Fuzzy-trace theory: Some foundational issues. *Learning and Individual Differences*, 7(2), 145–162.

Rimé, B., Finkenauer, C., Luminet, O., Zech, E., & Philippot, P. (1998). Social Sharing of Emotion: New Evidence and New Questions. *European Review of Social Psychology - EUR REV SOC PSYCHOL*, 9, 145–189. <https://doi.org/10.1080/14792779843000072>

Schacter, D. (2012). Adaptive Constructive Processes and the Future of Memory. The Schaefer, A. & Philippot, P. (2005). Selective effects of emotion on the phenomenal characteristics of autobiographical memories.

Schacter, D. L. (1987). Implicit memory: History and current status. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 13(3), 501–518. <https://doi.org/10.1037/0278-7393.13.3.501>

Sheldon S, Donahue J. More than a feeling: Emotional cues impact the access and experience of autobiographical memories. *Mem Cognit*. 2017 Jul;45(5):731-744. doi: 10.3758/s13421-017-0691-6. PMID: 28244010.

Svoboda, E., Mckinnon, M., & Levine, B. (2006). The functional neuroanatomy of autobiographical memory: A meta-analysis. *Neuropsychologia*, 44, 2189–2208. <https://doi.org/10.1016/j.neuropsychologia.2006.05.023>

Symons, C. S., & Johnson, B. T. (1997). The self-reference effect in memory: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 121(3), 371–394. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.121.3.371>

Thorne, A., McLean, K. C. & Lawrence, A. M. (2004). When remembering is not enough: Reflecting on self-defining memories in late adolescence. *Journal of Personality*, 72, 513–542.

Tuckey, M. R., & Brewer, N. (2003). The influence of schemas, stimulus ambiguity, and interview schedule on eyewitness memory over time. *Journal of Experimental Psychology: Applied*, 9(2), 101–118. <https://doi.org/10.1037/1076-898X.9.2.101>

Tullis, J. G., & Benjamin, A. S. (2015). Cue generation: How learners flexibly support future retrieval. *Memory & Cognition*, 43(6), 922–938. <https://doi.org/10.3758/s13421-015-0517-3>

Tulving, E. (1972). Episodic and semantic memory. In E. Tulving & W. Donaldson, *Organization of memory*. Academic Press.

Turk, D. J., Gillespie-Smith, K., Krigolson, O. E., Havard, C., Conway, M. A., & Cunningham, S. J. (2015). Selfish learning: The impact of self-referential encoding on children's literacy attainment. *Learning and Instruction*, 40, 54–60. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.learninstruc.2015.08.001>

Uzer, T., Lee, P., & Brown, N. (2012). On the Prevalence of Directly Retrieved Autobiographical Memories. *Journal of Experimental Psychology. Learning, Memory, and Cognition*, 38, 1296–1308. <https://doi.org/10.1037/a0028142>

Viney, W. (1993). *A History of Psychology: Ideas and Context*. Retrieved from [https://books.google.com.br/books?id=A\\_N8AAAAMAAJ](https://books.google.com.br/books?id=A_N8AAAAMAAJ)

Vuoskoski, J. K., & Eerola, T. (2012). Can sad music really make you sad? Indirect measures of affective states induced by music and autobiographical memories. *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*, 6(3), 204–213. <https://doi.org/10.1037/a0026937>

Watson, D., Clark, L. A., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54(6), 1063–1070. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.54.6.1063>

Wheeler, R. L., & Gabbert, F. (2017). Using self-generated cues to facilitate recall: A narrative review. *Frontiers in Psychology*, 8, Article 1830. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01830>

Williams, J. M., & Broadbent, K. (1986). Autobiographical memory in suicide attempters. *Journal of Abnormal Psychology*, 95(2), 144–149. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.95.2.144>

Wisco, B. (2010). Valence of autobiographical memories: The role of mood, cognitive reappraisal, and suppression. *Behaviour Research and Therapy*, 48, 335–340. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2009.11.009>

Anexo A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(TCLE) Exmo(a). Participante:

Eu, Warley Lamartine Correia, encontro-me a realizar uma dissertação no âmbito do Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Neurociência Cognitiva e Comportamento, UFPB – Universidade Federal da Paraíba, sob orientação da Profa.Dra. Melyssa Kellyane Cavalcanti Galdino, solicito o seu consentimento para a participação neste estudo, sobre “ Investigação sobre a evocação e utilização de memórias autobiográficas e sua relação com a empatia.” A participação é de caráter voluntário, sendo garantido o anonimato e confidencialidade das suas respostas. Manifesto a minha disponibilidade para a qualquer momento esclarecer as dúvidas que eventualmente surjam, através do contato eletrônico warley.lamartine@gmail.com. O tempo do preenchimento deste protocolo é de aproximadamente de 60 minutos.

Declaro que:

1. Fui informado(a) que para este estudo, está prevista a aplicação de vários instrumentos com a duração aproximada de 60min; 2. Fui informado(a) que uma das tarefas implica uma gravação em áudio; 3. Fui informado(a) que tenho oportunidade de colocar qualquer pergunta a qualquer momento da investigação; 4. Foi assegurada a confidencialidade dos dados por mim fornecidos; 5. Fui informado(a) que sou livre de interromper a qualquer momento a participação nesta investigação, sem qualquer penalização; 6. Fui informado(a) que, no fim da minha participação no estudo, tenho a possibilidade de esclarecer qualquer dúvida através do e-mail: warley.lamartine@gmail.com.

Após estar devidamente informado (a), declaro ter lido e compreendido este consentimento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo investigador.

Assinatura:

---

Data:

---

Agradeço a sua colaboração!

Anexo B

Informações de contato

DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICO

**\*Obrigatório**

1. **Endereço de e-mail \*** \_\_\_\_\_

2. **Nome \*** \_\_\_\_\_

3. **Número de telefone:** \_\_\_\_\_

4. **Sexo \***

**Marcar apenas uma oval.**

Mascu

lino

Femin

ino

5. **Idade \*:** \_\_\_\_\_

6. **Cor da pele \***

**Marcar apenas uma oval.**

Bra

nco

Pret

o

Pard

o

Am

arel

o

Indí

gen

a

7. **Religião** \*: \_\_\_\_\_

8. **Escolaridade** \*

**Marcar apenas uma oval.**

- Fundamental
- Incompleto
- Fundamental Completo
- Ensino Médio
- Incompleto Ensino
- Médio Completo
- Ensino Superior
- Incompleto Ensino Superior Completo
- Pós-graduação

9. **Renda Familiar :**

**Marcar apenas uma oval.**

- De 1 à 2 salários mínimos
- De 3 à 5 salários mínimos
- de 6 à 8 salários mínimos
- De 9 ou mais salários mínimos

10. **Estado Civil \***

**Marcar apenas uma oval.**

Solteiro

(a)

Casado(a)

- Divorciad
- o (a)
- Viúvo (a)
- Outros
- 

11. **Diagnóstico**

**psiquiátrico \* Marcar**

**apenas uma oval.**

S

i

m

N

ã

o

12. Se sim, qual? Caso não, por favor, passe para a próxima pergunta.

---

S

i

m

N

ã

o

14. Se sim, qual? Caso não, por favor, passe para a próxima pergunta.

---

15. Você faz ou já fez

Psicoterapia? \*

**Marcar apenas uma oval.**

S

i

m

N

ã



Qual sua profissão? \_\_\_\_\_

Agradecemos sua participação, muito obrigado!

## Anexo C - Teste de Memória Autobiográfica

### (TMA) Teste de Memória Autobiográfica (TMA)

Este é um experimento de memória autobiográfica. Eu vou lhe apresentar 15 cartões, cada um contendo uma palavra-estímulo. Cada palavra será apresentada separadamente. Cada palavra representa uma característica humana. A maioria de nós exibe cada uma dessas características em um momento ou outro. Cada vez que eu lhe mostrar um cartão, eu gostaria que você descrevesse em voz alta, brevemente, para que eu possa registrar com esse gravador, a primeira recordação de um evento particular de sua vida. Eu vou verificar a rapidez com que você pode recuperar uma categoria de eventos com esse cronômetro. Certifique-se de dizer a voz em voz alta antes de fornecer sua memória. Alguma pergunta?

Ao final do relato será solicitado que o participante estime a data em que o evento aconteceu e a especificidade da memória.

A questão sobre especificidade perguntará “Até onde você sabe, esta memória corresponde a”, com três alternativas de resposta:

- (a) um evento que aconteceu uma única vez num tempo e lugar particulares;
- (b) um resumo ou mescla de vários eventos parecidos;
- (c) eventos que ocorreram ao longo de um período de tempo, que durou mais que um dia.

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_/\_\_/\_\_

## Anexo D

### Escala de Afetos Positivo e Negativo (PANAS)

Este questionário consiste num conjunto de sentimentos e emoções. Leia cada item e marque a resposta correta no espaço a frente de cada palavra, para como se sentiu durante os últimos dias, de acordo com as seguintes opções de resposta: 1 “Nada ou muito pouco”; 2 “Um pouco”; 3 “Médio”; 4 “Muito”; 5 “Bastante/Sempre”. Indique em que medida [Inserir a instrução temporal de resposta apropriada].

<b>Ativo(a)</b>	<input type="radio"/> Nada ou muito pouco	<input type="radio"/> Um pouco	<input type="radio"/> Médio	<input type="radio"/> Muito	<input type="radio"/> Bastante/Sempre
<b>Envergonhado(a)</b>	<input type="radio"/> Nada ou muito pouco	<input type="radio"/> Um pouco	<input type="radio"/> Médio	<input type="radio"/> Muito	<input type="radio"/> Bastante/Sempre
<b>Atento(a)</b>	<input type="radio"/> Nada ou muito pouco	<input type="radio"/> Um pouco	<input type="radio"/> Médio	<input type="radio"/> Muito	<input type="radio"/> Bastante/Sempre
<b>Aflito(a)</b>	<input type="radio"/> Nada ou muito pouco	<input type="radio"/> Um pouco	<input type="radio"/> Médio	<input type="radio"/> Muito	<input type="radio"/> Bastante/Sempre
<b>Determinado(a)</b>	<input type="radio"/> Nada ou muito pouco	<input type="radio"/> Um pouco	<input type="radio"/> Médio	<input type="radio"/> Muito	<input type="radio"/> Bastante/Sempre
<b>Culpado(a)</b>	<input type="radio"/> Nada ou muito pouco	<input type="radio"/> Um pouco	<input type="radio"/> Médio	<input type="radio"/> Muito	<input type="radio"/> Bastante/Sempre
<b>Empolgado(a)</b>	<input type="radio"/> Nada ou muito pouco	<input type="radio"/> Um pouco	<input type="radio"/> Médio	<input type="radio"/> Muito	<input type="radio"/> Bastante/Sempre
<b>Irritado(a)</b>	<input type="radio"/> Nada ou muito pouco	<input type="radio"/> Um pouco	<input type="radio"/> Médio	<input type="radio"/> Muito	<input type="radio"/> Bastante/Sempre
<b>Interessado(a)</b>	<input type="radio"/> Nada ou muito pouco	<input type="radio"/> Um pouco	<input type="radio"/> Médio	<input type="radio"/> Muito	<input type="radio"/> Bastante/Sempre

---

<b>Com medo</b>	<input type="radio"/>	Nada	ou	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
		muito pouco		Um pouco	Médo	Muito	Bastante/Sempre
<hr/>							
<b>Com orgulho de si</b>	<input type="radio"/>	Nada	ou	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
		muito pouco		Um pouco	Médo	Muito	Bastante/Sempre
<hr/>							
<b>Hostil</b>	<input type="radio"/>	Nada	ou	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
		muito pouco		Um pouco	Médo	Muito	Bastante/Sempre
<hr/>							
<b>Alerta</b>	<input type="radio"/>	Nada	ou	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
		muito pouco		Um pouco	Médo	Muito	Bastante/Sempre
<hr/>							
<b>Inquieto (a)</b>	<input type="radio"/>	Nada	ou	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
		muito pouco		Um pouco	Médo	Muito	Bastante/Sempre
<hr/>							
<b>Entusiasmado (a)</b>	<input type="radio"/>	Nada	ou	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
		muito pouco		Um pouco	Médo	Muito	Bastante/Sempre
<hr/>							
<b>Nervoso (a)</b>	<input type="radio"/>	Nada	ou	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
		muito pouco		Um pouco	Médo	Muito	Bastante/Sempre

---

---

<b>Forte</b>	<input type="radio"/>	Nada	ou	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
		muito pouco		Um pouco	Médo	Muito	Bastante/Sempre

---

<b>Apavorado(a)</b>	<input type="radio"/>	Nada	ou	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
		muito pouco		Um pouco	Médo	Muito	Bastante/Sempre

---

<b>Inspirado(a)</b>	<input type="radio"/>	Nada	ou	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
		muito pouco		Um pouco	Médo	Muito	Bastante/Sempre

---

<b>Chateado (a)</b>	<input type="radio"/>	Nada	ou	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
		muito pouco		Um pouco	Médo	Muito	Bastante/Sempre

---

---

**PONTUAÇÃO TOTAL DO QUESTIONÁRIO: \_\_**

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO**  
**CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Investigações sobre a Evocação de memórias autobiográficas e estratégias de regulação emocional em amostra clínica

**Pesquisador:** Melyssa Kellyane Cavalcanti Galdino

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 89401018.5.0000.5188

**Instituição Proponente:** Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 2.678.086

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se de analisar o projeto de pesquisa "Investigações sobre a Evocação de memórias autobiográficas e estratégias de regulação emocional em amostra clínica" da Professora Melyssa Kellyane Cavalcanti Galdino do Curso de Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPB.

**Objetivo da Pesquisa:**

Investigar possíveis relações entre as memórias autobiográficas evocadas e as estratégias de regulação emocional, reavaliação cognitiva e supressão emocional em pacientes com sintomas depressivos e ansiosos.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

A pesquisa apresenta como risco previsível o desconforto durante o processo de evocação de memórias autobiográficas específicas de valência negativa. Caso venham a ocorrer reações emocionalmente desadaptativas, o procedimento será imediatamente suspenso e a demanda do voluntário será prontamente acolhida e escutada até que ele relate a ausência do desconforto apresentado.

Benefícios: Entende-se como benefício, que o manejo das Memórias autobiográficas podem auxiliar em intervenções terapêuticas e que estratégias de Regulação Emocional podem ser utilizadas e treinadas, através da psicoeducação, por pacientes clínicos. Além disso, a possibilidade de encontrar relações entre MA's e regulação emocional acrescenta informações ao escopo de pesquisas da área.

### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Este estudo caracteriza-se como de natureza transversal, correlacional e quantitativo e terá como amostra 90 voluntários de ambos os sexos, com idade entre 18 e 30 anos. Destes, 30 voluntários com sintomatologia de depressão (G1), 30 voluntários com sintomatologia ansiosa (G2) e 30 voluntários com ausência de sintomas psiquiátricos (G3). A pesquisa será realizada em duas fases. Na primeira fase serão utilizados os Inventários Beck de Depressão (BDI) e de Ansiedade (BAI), o Questionário de Regulação Emocional (ERQ), a Escala de dificuldades de Regulação Emocional (DRES) e o Teste de Memória Autobiográfica (TMA). Após o intervalo de uma semana terá início a segunda fase, na qual serão utilizados a exposição de MAs de valência positiva e negativa do próprio voluntário previamente gravadas na primeira fase do estudo pelo uso do TMA, o Questionário de Memória Autobiográfica (QMA) e as escalas SAM. Após análise dos dados espera-se que diferenças nas relações sugeridas entre a evocação de MAs e estratégias de regulação emocional em cada grupo sejam confirmadas, apontando assim o possível impacto que tais variáveis podem exercer sobre o desenvolvimento de sintomas depressivos e ansiosos. Estes dados podem auxiliar no desenvolvimento de meios terapêuticos para tratar pacientes com tais sintomatologias.

### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O projeto se encontra bem instruído.

### **Recomendações:**

Recomenda-se manter a metodologia proposta.

### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Aprovado.

### **Considerações Finais a critério do CEP:**

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações	PB_INFORMACOES_BASICAS_D	10/05/2021		Aceito
Básicas do Projeto	O_PROJETO_1128574.pdf	8 21:04:29		
Outros	certidao.pdf	10/05/2018 21:04:06	Melyssa Kellyane Cavalcanti Galdino	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	07/05/2018 00:07:44	Melyssa Kellyane Cavalcanti Galdino	Aceito
Outros	instrumentos.docx	07/05/2018 00:07:08	Melyssa Kellyane Cavalcanti Galdino	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	anuencia.pdf	07/05/2018 00:06:44	Melyssa Kellyane Cavalcanti Galdino	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.docx	07/05/2018 00:06:20	Melyssa Kellyane Cavalcanti Galdino	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.docx	07/05/2018 00:05:24	Melyssa Kellyane Cavalcanti Galdino	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 27 de

Maio de 2018

Assinado por:

Eliane Marques Duarte de Sousa (Coordenador)



